



HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO COOPERATIVA: TRANSFORMAÇÕES NA GESTÃO, NAS PRÁTICAS E NAS DINÂMICAS TERRITORIAIS DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

Nelson José Thesing

Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – UNIJUÍ

Juliana da Fonseca Capssa Lima Sausen

Doutoranda em Desenvolvimento Regional. Bolsista Prosuc/Capes – UNIJUÍ

Daniel Knebel Baggio

Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – UNIJUÍ

Resumo

O cooperativismo tem papel fundamental para o desenvolvimento socioeconômico territorial, cabendo destacar a relevância e representatividade do cooperativismo de crédito neste cenário. Em paralelo, são evidenciadas transformações positivas da educação cooperativa e da humanização para a gestão e as práticas cooperativistas. Com base em tais aspectos, este estudo propôs investigar as aplicações e contribuições da educação cooperativa e da humanização no cooperativismo de crédito. Para tanto, utilizou-se como metodologia pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas com gestores de três agências de crédito cooperativo, atuantes em um município do noroeste do Rio Grande do Sul. A pesquisa identificou que as estratégias e práticas das agências analisadas contemplam os valores, técnicas e métodos da educação cooperativa, e que a educação cooperativa é permeada por pressupostos humanizadores nestes locais. Conclui-se que a humanização na educação cooperativa contribui positivamente para a transformação e sustentabilidade das agências analisadas, do cenário cooperativista e da sociedade.

Palavras-chave: Gestão cooperativa. Educação no cooperativismo. Práticas de humanização. Desenvolvimento.



Introdução

Nas dinâmicas institucionais de atuação, as cooperativas assumem papel cada vez mais relevante, especialmente ao tratar sobre desenvolvimento territorial. Assim, a proposta básica contempla a união de pessoas para cooperarem entre si, conquistando benefícios comuns para todos. Esse processo demonstra a importância sistêmica do cooperativismo. Soma-se a isto, a contribuição das cooperativas, na geração de empregos, inclusão social e econômica, melhor distribuição de renda, e, por conseguinte, o desenvolvimento socioeconômico das comunidades (FRANTZ, 2012; SARTOR; KNUPPEL, 2016).

Portanto, destaca-se a relevância das cooperativas de crédito, por sua representatividade territorial (OCB, 2018) e benefícios, ao implementar economias locais (FONSECA *et al.*, 2009), democratização do crédito e desconcentração de renda (SARTOR; KNUPPEL, 2016), favorecendo o efeito multiplicador dos investimentos em nível territorial.

Por conseguinte, a produção teórica-metodológica amplia os sentidos, assim como os significados dos princípios cooperativistas, condição necessária para percorrer, sem equívocos, o caminho cooperativista na prática, contribuindo para a sustentabilidade dos empreendimentos cooperativados, bem como no desenvolvimento dos territórios (SAFANELLI *et al.*, 2011). A partir daí, cabe destacar a importância da educação cooperativa, seja por sua relação direta com o quinto princípio cooperativista – educação, formação e informação – como também pela sua influência em todos os demais princípios e práticas que regem as dinâmicas internas e externas de atuação cooperativista.

Cultivar a essência cooperativista significa ter presente a humanização como pilar fundamental de uma efetiva educação cooperativa. Afinal, cada vez mais a educação é o melhor caminho para a governança cooperativa, uma vez que, somente com a participação consciente e responsável do quadro social, as cooperativas adquirem estabilidade e se desenvolvem em um processo permanente, de autogestão, de desenvolvimento integral e cooperativo das pessoas, formando um verdadeiro conjunto orgânico, ensejando a aut Capacidade para geração de conhecimento e de sustentabilidade (SILVA; SILVA, 2021).

Portanto, considerando a relevância do cooperativismo e do cooperativismo de crédito para o desenvolvimento territorial, e as transformações positivas da educação cooperativa e da humanização para a gestão e práticas cooperativistas, este estudo busca investigar as aplicações e contribuições da educação cooperativa e da humanização no cooperativismo de crédito, a partir da análise de três agências da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG,



localizadas em um município do noroeste do Rio Grande do Sul.

Na sequência do trabalho é abordado o referencial teórico, incluindo os cenários e caminhos do cooperativismo e do cooperativismo de crédito, a educação cooperativa como princípio fundamental da boa governança e a humanização como pilar valorativo na educação e gestão cooperativa. Em seguida, tem-se a metodologia. Após, são apresentados os resultados e discussão, incluindo o contexto do sujeito e seus valores na educação cooperativa, e os conteúdos e métodos educativos e humanizadores nas agências analisadas. Por fim, tem-se as considerações finais e as referências utilizadas.

Cooperativismo e Cooperativismo de Crédito: Cenários e Caminhos

As cooperativas adotam o desenvolvimento cooperativo na sua essência. Segundo a Lei Federal nº 5.764/1971 (BRASIL, 2021), as cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos associados. As cooperativas atuam, portanto, como agente de desenvolvimento local/regional, em que os associados são donos e participam da gestão do negócio, possibilitando a conjunção dos capitais social, financeiro e humano.

Segundo o Anuário Brasileiro do Cooperativismo (2020), em nível mundial, são 2,6 milhões de cooperativas, mais de 4 bilhões de pessoas envolvidas com o cooperativismo, pelo menos 12% da população cooperada de qualquer uma das três milhões de cooperativas existentes e as 300 maiores cooperativas atuam em 100 países, congregam 1 bilhão de pessoas, faturam 2,1 trilhões de dólares e empregam 280 milhões de pessoas.

No Brasil, nos últimos oito anos, o número de pessoas unidas ao cooperativismo cresceu 62% e os empregos aumentaram 43%. De cada 10 brasileiros, quatro conhecem o cooperativismo e de cada 10 parlamentares do Congresso Nacional, 7,5 têm visão positiva do setor que soma R\$ 351,4 bilhões em ativos totais. Ainda, conforme informações do relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho (2020), são 6,8 mil instituições cooperativas, 14,6 milhões de associados e 425,3 mil empregos gerados no território nacional.

O cooperativismo arquiteta-se, portanto, como lugar de reconstrução das condições de vida, tendo na economia humana seu fundamento, estimulando a cooperação e protegendo os interesses de quem faz parte deste movimento (FRANTZ, 2012). As cooperativas constituem-se, como agentes institucionais que, *a priori*, buscam viabilizar soluções econômicas para as pessoas, distribuir renda e gerar benefícios sociais, podendo



contribuir para o progresso dos municípios e das demais localidades onde encontram ambiente propício para se destacarem e se desenvolverem (BIALOSKORSKI NETO, 2012).

Assim, o desenvolvimento cooperativo promove o desenvolvimento colaborativo e em cooperação entre instituições, lideranças e cidadãos, contribuindo para maximizar rendas; melhorar a distribuição de renda social e regional; elevar a qualidade de vida da população; aumentar o investimento e capacidade social, científico e tecnológico de inserção cooperativa; desenvolver programas de fomento, capacitação e integração; identificar potencialidades locais/regionais; executar programas de inovação; bem como fortalecer e ampliar tecnologias de informação e conhecimento (BÜTTENBENDER, 2017).

Neste contexto, as cooperativas de crédito têm papel relevante no desenvolvimento. Conforme o Relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho (2020), 21 das 300 maiores cooperativas do mundo são do ramo de crédito. Informações do Anuário Brasileiro de Cooperativismo (2020) apontam que 34% dos brasileiros se relacionam com as cooperativas de crédito. São 909 cooperativas, 9,8 milhões de cooperados e 67,3 mil empregados no Brasil. Em participação de mercado, 10% do crédito tomado pelo pequeno negócio provém das cooperativas, que fornecem cerca de 20% de todo crédito não consignado no país.

As cooperativas de crédito formam a maior rede de atendimento financeiro no Brasil e em mais de 500 cidades são a única instituição financeira (OCB, 2018). Este ramo causa impacto econômico gerado pelo aproveitamento das economias nos locais de origem, com intermediação financeira cooperativa (FONSECA *et al.*, 2009) e papel significativo no desenvolvimento social, proporcionando a democratização do crédito e desconcentração de renda (SARTOR; KNUPPEL, 2016). O ramo favorece, ainda, a amplitude do efeito multiplicador dos investimentos e a possibilidade de minimizar riscos, pois a própria comunidade é responsável pela análise da viabilidade e concessão do empreendimento.

Buscando reafirmar o posicionamento e garantir a sustentabilidade das cooperativas, existe cabe destacar os princípios cooperativistas. Estes princípios constituem a linha orientadora que rege as cooperativas, formando a base filosófica da doutrina, implementada a história foi implementada. Sua última atualização foi 1995 pela Aliança Cooperativa Internacional – ACI, estando referenciados pelo Portal do Cooperativismo Financeiro (2021)

1. Adesão Livre e Voluntária: Cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminação de sexo/gênero, social, racial, política e religiosa.
2. Gestão Democrática: Cooperativas são organizações democráticas, controladas por



membros que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Desta forma, homens e mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis pela aplicabilidade destas práticas.

3. Participação Econômica: Os membros contribuem equitativamente para o capital das cooperativas e controlam-na democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros podem receber habitualmente, uma remuneração sobre o capital integralizado, como condição de sua adesão.
4. Autonomia e Independência: Cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas por seus membros. Se firmarem acordos ou recorrerem a capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e que mantenham a autonomia da cooperativa.
5. Educação, Formação e Informação: As cooperativas promovem a educação e formação dos seus membros, representantes eleitos e trabalhadores, de forma que possam contribuir eficazmente para o desenvolvimento das suas cooperativas.
6. Intercooperação: As cooperativas servem de forma mais eficaz aos seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, por meio das mais diversas estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
7. Interesse pela Comunidade: As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável das suas comunidades mediante políticas aprovadas pelos membros.

Os princípios refletem uma postura equitativa entre agentes organizacionais, devendo ser utilizados para colocar em prática os valores das cooperativas como linhas orientadoras de suas práticas. Portanto, requer-se que o discurso esteja alinhado com as características do contexto, com as decisões tomadas e com as práticas implementadas. E a educação cooperativa tem sido um dos pilares com vistas a tornar este cenário possível.

Educação Cooperativa: Princípio Fundamental da Boa Governança

A educação cooperativa é um dos pilares do desenvolvimento das cooperativas e esse reconhecimento vem desde as origens do movimento cooperativo, em 1844, na Inglaterra. Influenciados por Robert Owen, os Pioneiros de Rochdale, precursores do movimento, contribuíram para que a educação se tornasse um princípio cooperativo.

Desde essa época, os pioneiros percebiam na educação um instrumento fundamental para alcançar melhor compreensão por parte dos envolvidos neste cenário, com base nas



peculiaridades da cooperativa, com suas formas organizativas e econômicas distintas dos empreendimentos até então existentes. Anos após, em 1995, a educação cooperativa viria a ser formalizada a partir da criação do quinto princípio cooperativista – educação, formação e informação – preconizado pela Aliança Cooperativa Internacional.

Geridas por pessoas, as cooperativas têm seu potencial reconhecido por sua relevância no desenvolvimento socioeconômico local e regional. Essa potencialidade merece destaque, uma vez que essas instituições deveriam apresentar, em sua gestão, um equilíbrio entre duas vertentes: atuar como empresas e como associação de pessoas.

Esse equilíbrio deve ser sempre reforçado pela educação cooperativa, mediante a vivência dos princípios cooperativistas ou capacitação técnica e específica para este tipo de instituição (MILAGRES; LACERDA, 2017). É por meio de uma efetiva gestão social que o cooperado poderá participar ativamente da cooperativa, tomando decisões que melhor garantam o sucesso da ação coletiva. Deste modo, é importante que se tenha claro o papel da educação no processo de gestão empresarial e social dessas organizações coletivas.

Conforme Safanelli *et al.* (2011), a educação considera três elementos: o sujeito, o conteúdo e o método da educação. O sujeito da educação é o ser humano. O conteúdo da educação envolve o conhecimento dos fatores internos e externos à cooperativa, sua natureza, filosofia doutrinária, princípios cooperativos, normas, direitos e deveres dos associados, parte técnica, estrutura interna e serviços. O método educativo considera que o planejamento da educação cooperativa deve permear sócios, administradores, técnicos e público, mediante diferentes programas de desenvolvimento e capacitação, ajustados caso a caso, tudo coordenado por meio de um programa integrado, amplo e comum.

A educação cooperativa é um processo de aprendizagem que abrange públicos distintos, diferentes demandas, exigindo conteúdos variados nas propostas de capacitação. Contudo, ela deve ir além da educação formal, ao passo em que se compreende que a educação cooperativa estimula a participação dos cooperados e faz com que tenham conhecimento sobre valores, princípios e normas da cooperativa, enfatizando o ideal cooperativista e contribuindo para o desenvolvimento comunitário (SAFANELLI *et al.*, 2011).

Na prática cooperativa produz-se educação. Assim, a cooperativa, além de seu sentido econômico, também é lugar social de educação. Porém, conforme já evidenciado, na organização cooperativa, a educação aparece, muitas vezes, de forma difusa, associada a processos de comunicação, de interação entre os associados, dirigentes, funcionários ou outros interlocutores, presentes no espaço da cooperação (SOUSA *et al.*, 2018).



A dificuldade reside em saber despertar o interesse dos sócios para comprometer-se, pois, as pessoas costumam querer resultados imediatos e a imediatidade não faz parte da educação cooperativa. Ao contrário, a educação cooperativa é um processo que dura por toda a vida. Nos casos de baixa interação entre a cooperativa e o quadro social, ou desconhecimento por parte dos cooperados de seu papel de proprietário do empreendimento coletivo, verifica-se a importância da educação cooperativa em capacitar e problematizar, junto aos cooperados, os seus direitos e deveres, constituindo-se como estratégica fundamental para o comprometimento dos associados (SOUSA *et al.*, 2018).

Nesta perspectiva, a educação cooperativa se move e se coloca em movimento, em nova ideia que tenta encarnar em uma prática e mudar a ideia em si (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018). Se constitui, portanto, em processo permanente e contínuo de aprendizagem, que contempla todas as facetas do empreendimento cooperativo, valorizando de igual modo o lado social, empresarial e as demandas de formação das organizações e dos seus associados para melhor participar da cooperativa, em atendimento às particularidades de cada ramo cooperativista existente (FERREIRA; SOUSA, 2019).

A educação cooperativa deve, pois, contribuir para a formação do quadro associativo que, de forma autogestionada, se forme, individualmente e como grupo solidário. Aí está o grande desafio: colocando-se em uma perspectiva de educação continuada ou de educação por toda a vida, cabe a ela o resgate e a reafirmação permanente do espírito dos fundadores ao longo das etapas de evolução e consolidação das cooperativas, trabalhando e aprofundando os aspectos relativos à identidade cooperativa (FRANTZ, 2012).

A expressão “educação cooperativa” contém termos intimamente ligados. No processo da educação, identificam-se práticas cooperativas e no processo da cooperação pode-se identificar práticas educativas. No centro desta inter-relação está a comunicação. A organização da cooperação, na prática, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir (FRANTZ, 2012). Nesse processo de interlocução de saberes, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e potencializam-se como práticas sociais específicas.

As cooperativas necessitam de programas que favoreçam a articulação interna e externa de seus públicos e que estabeleçam dimensão apropriada para divulgar e incorporar os valores e princípios que as perpassam, pois as ações organizadas devem fazer parte de um programa permanente, com iniciativas e objetivos definidos, para fortalecer as ações de educação cooperativa (SOUSA *et al.*, 2018). Verifica-se, portanto, a comunicação como uma



importante ferramenta para atingir e reforçar a educação cooperativa junto à organização do quadro social e dos envolvidos, direta ou indiretamente, na cooperativa.

A partir da comunicação dos cooperados emerge uma das funções essenciais da educação cooperativa: racionalizar e organizar o comportamento dos associados, em um espírito cooperativo. A questão central é a viabilização de um processo dinâmico de construção da inteligência coletiva, fundada no conhecimento, na reciclagem das aprendizagens e em saberes particulares pela crítica interlocução de seus associados, embasados em princípios democráticos e práticas participativas (FRANTZ, 2012).

A educação é construtora e reconstrutora dos diferentes espaços da vida, entre os quais está a economia da cooperação. Pela educação para a cooperação procura-se influenciar ideias, valores, modos de pensar dos associados, sugerindo ou levando-os a comportamentos e visões de mundo favoráveis à natureza da prática cooperativa. Porém, para compreender a relação entre educação e cooperação em suas formas e mecanismos práticos, em seus sentidos e significados, deve-se primeiramente compreender a dimensão da cooperação: processo social ou estratégia de atuação no mercado? (FRANTZ, 2012).

Visando alcançar as boas práticas de governança cooperativa, a educação agrega aspectos técnicos, políticos e culturais, voltados à qualificação para o mundo do trabalho e para o mundo da economia, entendida como produção e distribuição de riquezas materiais e espirituais de vida. Nessa perspectiva, faz-se necessário um trabalho que reforce a educação cooperativa na gestão da cooperativa, com a dupla finalidade de manifestar sua potencialidade, econômica e social (MILAGRES; LACERDA, 2017), pois os processos educativos no cooperativismo são meios de transmissão dos valores orientados para melhor relação e organização do fluxo de informações, direcionada aos associados e públicos afins.

Humanização: Pilar Valorativo na Educação e Gestão Cooperativista

A contribuição de um sistema cooperativo, de fato, ocorre na medida em que recursos humanos capacitados e voltados para funções diretivas, gerenciais e operacionais, aliados à conscientização dos associados em relação ao papel econômico-político e social em que estão organizados, atingem as demandas pré-estabelecidas pelo movimento.

As cooperativas apresentam, por natureza de responsabilidade social, a base dos princípios éticos de uma sociedade, inseridos na cultura organizacional e nos processos da empresa, por meio de valores e atitudes mais humanos (SAFANELLI *et al.*, 2011). Destaca-



se, neste contexto, o princípio cooperativo da Educação, Formação e Informação, e sua capacidade de conscientização e valorização do ser humano e do processo democrático.

A educação é um processo que se realiza, de forma complexa e múltipla, nas relações sociais em diferentes espaços da vida humana: trabalho, grupos sociais, movimentos sociais, família, escola, igreja, partido, sindicato e, inclusive, na cooperativa. Os seres humanos se educam nas relações sociais do trabalho, pela comunicação crítica, pelo debate e argumentação, sobre os diferentes aspectos de suas vidas. O conteúdo desse processo educativo é, por isso mesmo, ora mais técnico ora mais político (FRANTZ, 2012).

A educação cooperativa é processo permanente de desenvolvimento integral e cooperativo das pessoas, ensejando a aut Capacidade para geração de conhecimento e poder, de viabilizar condições de progresso, formando um verdadeiro conjunto orgânico, onde as diferenças são úteis para o desenvolvimento do grupo (SAFANELLI *et al.*, 2011).

Cabe destacar que os valores humanos se constituem na essência do cooperativismo. A cooperação – definida pela capacidade de planejar, gerir e executar estratégias e ações em conjunto ou alinhadas – valoriza as relações humanas e, a partir daí, aumenta a confiança e credibilidade, produz aprendizagens e identidades, defende interesses comuns, fortalece marcas, gera ganhos de escala, possibilita acesso a mercados, amplia a competitividade e tonifica os arranjos institucionais, produzindo benefícios para os membros de determinando grupo e para a sociedade (BÜTTENBENDER, 2017).

Deste modo, no cenário cooperativista, os três elementos da educação – sujeito conteúdo e método da educação – deverão ter como ponto de partida o ser humano. A efetividade da educação cooperativa está, portanto, na humanização. Desta forma, se impõe no movimento cooperativo, uma reflexão sobre a metodologia e técnicas educativas com a filosofia implícita em seus princípios: concepção do homem e dos objetivos almejados por meio da educação (SAFANELLI *et al.*, 2011). A partir daí, o ser humano, pelo conhecimento, pela educação, pela aprendizagem, constrói os sentidos de sua existência.

O conhecimento, parte fundamental da educação, é gerado pela capacidade de pensar e viver o mundo, de atribuir significados à realidade, no esforço por entender e fazer a vida. No processo da convivência social e de produção de sua sobrevivência e afirmação, seja na relação com a natureza ou com os demais seres humanos, o ser humano constrói conhecimento, processa educação, aprende e desenvolve capacidades (FRANTZ, 2012).

A educação cooperativa humanizadora leva à autonomia e autogestão, em prol de um contexto e sentido maior. A possibilidade de contribuir para o desenvolvimento, mudanças e



transformações da realidade, por meio da educação cooperativa, buscando melhorar as condições de vida das populações, coloca o desafio de construir importantes espaços pelo entrelaçamento e integração das práticas de educação e de cooperação, como processos sociais de afirmação e emancipação de seus sujeitos (FRANTZ, 2012).

Em outras palavras, o movimento cooperativo é caracterizado por uma autodisciplina coletiva, oportunizando o desenvolvimento do ser humano em todos os níveis – moral, social, cultural e intelectual (SAFANELLI *et al.*, 2011). Para tanto, requer-se que o associado seja educado. Afinal, a possibilidade de contribuir efetivamente para o desenvolvimento do ser humano dá-se principalmente por meio da atitude de assumir a educação cooperativa.

O cooperativismo oferece, portanto, a possibilidade de unir o ser humano e procurar sua autonomia em um quadro democrático, além de permitir o reconhecimento da solidariedade, equidade e liberdade (SILVA; SILVA, 2021). Além de um espaço econômico, a cooperativa é uma escola humanista e que contribui para a formação e para a elevação dos cooperados como pessoas e como cidadãos (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018).

Do ponto de vista humano, a educação cooperativa visa promover o senso de responsabilidade, solidariedade, auxílio mútuo, justiça social e promoção da cidadania. Assim, o trabalho e a educação, como atividades humanas, entrelaçam-se, constituindo um processo determinante para a formação social de uma sociedade e a educação cooperativa se constitui, portanto, como um importante impulsionador dos objetivos cooperativos e da própria democracia, dentro e fora do sistema cooperativo (FRANTZ, 2012).

Com o intuito de realizar essa reconstrução social a partir da experiência humana, a educação deve melhorar a experiência pessoal e permanente do ser humano, fornecendo bases abertas para o futuro e fundamentos renovados. A experiência pessoal deve ser adquirida por uma educação ampla, para o bem de todos. Crianças, adolescentes, adultos devem ser educados para pensar as realidades culturais e sociais em que estão constantemente imersos para melhor ação (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018).

Sob o viés da educação cooperativa, as estratégias passam a ter preocupações voltadas ao ser humano e à origem de sua existência. Cada vez mais, os espaços naturais e sociais de vida são interdependentes e exigem cooperação (FRANTZ, 2012). Solidariedade e cooperação passam a ser necessidades e existe a oportunidade de gerar uma nova consciência social e ambiental, traduzida em uma dimensão educativa como base para novos valores e comportamentos. Frente a isso, educação e cooperação se entrelaçam e se potencializam como processos sociais acolhedores dos desafios da vida (FRANTZ, 2012).



Diante desse cenário, as instituições cooperativas se tornam importantes espaços de comunicação, aprendizagem e educação, o que contribui para a sua sobrevivência e sustentabilidade, perante o contexto capitalista que rege estas instituições e suas relações com o mundo do trabalho. E paralelo a este contexto, a humanização vem se constituindo como pilar fundamental de uma efetiva educação cooperativa, com vistas a positivas transformações neste cenário e em suas dinâmicas internas e externas de atuação.

Metodologia

Esta pesquisa se classifica como social e qualitativa. Social, pois tem como campo de investigação a realidade social, envolvendo aspectos relativos ao ser em seus múltiplos relacionamentos com outros seres e instituições sociais (GIL, 2019). Qualitativa, uma vez que buscou aprofundar-se no mundo dos significados, utilizando metodologia não-estruturada, proporcionando a compreensão do contexto do problema (MINAYO, 2016),

A pesquisa é, ainda, exploratória e descritiva. Exploratória, pois possibilita investigar novos achados e perspectivas acerca da temática abordada (GIL, 2019). Deste modo, a pesquisa abre precedentes para maior investigação acadêmico-científica quanto à educação cooperativa e sua aplicabilidade no cooperativismo e, especificamente, no cooperativismo de crédito. A pesquisa é também descritiva, pois propõe descrever as características do fenômeno em questão, estabelecendo relações entre variáveis (GIL, 2019).

Para maiores constatações da relevância e aplicabilidade da temática proposta, foi realizada pesquisa em três agências da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG, localizadas em um município da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

O relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho (2020) destaca que o Rio Grande do Sul tem mais de 2,9 milhões de associados em 444 cooperativas, ou seja, mais da metade da população gaúcha (52,6%) envolvida no cooperativismo. Também são evidenciados faturamento recorde de R\$ 48,9 bilhões e R\$ 18 bilhões em patrimônio líquido com incremento de mais de 14% em relação ao ano anterior; acréscimo de 7,8% em ativos, atingindo R\$ 76,4 bilhões; 64,6 mil empregos e crescimento de 11% nas sobras apuradas. No ramo de crédito, são 2,1 milhões de associados, 87 cooperativas e 10,8 mil empregos gerados. Estes dados demonstram a expressividade do cooperativismo gaúcho.

O Sicredi é reconhecido por desenvolver e implementar estratégias humanizadoras e sustentáveis, em âmbito interno e em suas comunidades. Conforme o relatório da cooperativa



Sicredi das Culturas RS/MG (2021), a cooperativa possui mais de 57 mil associados, mais de 300 colaboradores, alcançando resultado de R\$ 42,3 milhões em 2020.

A coleta de dados foi realizada entre agosto e outubro de 2020. Além da pesquisa bibliográfica, realizada principalmente em livros e em artigos acerca das temáticas abordadas, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a pesquisa documental e entrevistas. A pesquisa documental foi realizada em relatórios do cenário cooperativista e no relatório da cooperativa das agências analisadas, utilizados como suporte para a contextualização do estudo e para os dados coletados nas entrevistas. As entrevistas foram aplicadas em formato semiestruturado, individualmente e *online*, para seis gestores, nas funções de Gerente Geral e Gerente Administrativo-Financeiro das agências analisadas, devido ao fato de serem sujeitos que vivenciam mais de perto e possuem um conhecimento mais sistêmico, no que condiz à realidade das dinâmicas de gestão e práticas neste cenário.

Já para análise e interpretação dos dados do estudo, utilizou-se como metodologia a análise de conteúdo por categorias. Esta tipologia consiste em desmembramentos do conteúdo em unidades e reagrupamentos analógicos, destacando a categorização, a descrição das categorias, e as inferências e a interpretação dos resultados (BARDIN, 2018).

Desta forma, considerando a relevância do cooperativismo e do cooperativismo de crédito, e da educação cooperativa e da humanização neste cenário, para chegar aos resultados, os princípios e conceitos destas vertentes foram inter-relacionados com os dados coletados, cabendo destacar falas dos entrevistados das agências analisadas.

O Sujeito e seus Valores na Educação Cooperativa das Agências Analisadas

As estratégias de educação cooperativa implementadas pelas agências analisadas no estudo, buscam cada vez mais contemplar o equilíbrio entre a dimensão econômica e a dimensão social (MILAGRES; LACERDA, 2017). “*Sempre foi falado no econômico, social e ambiental, esse tripé sempre foi observado*” (Gerente da Agência 3). “*O social contribui para o financeiro e o financeiro para o social, e as cooperativas têm isso como base. A medida de desempenho do cooperativismo reafirma isso*” (Gerente da Agência 2). “*O social e o resultado devem caminhar juntos*” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).

A humanização, como pilar essencial e propulsor da educação corporativa (FRANTZ, 2012; SAFANELLI *et al.*, 2011), sempre constou nas práticas das agências. “*O Sicredi é bem forte nessa questão das pessoas, não se consegue dissociar isso*” (Gerente da



Agência 2). *“Valorizamos muito as pessoas, os relacionamentos, vemos que as pessoas são o nosso principal capital”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

Este aspecto, contudo, está mais evidente como resultado de um processo de conscientização e de reestruturação voltado a um novo modelo de gestão. *“Sempre houve preocupação com as pessoas, só que agora ela está mais intensa”* (Gerente da Agência 3). *“A gestão de pessoas evoluiu bastante com o passar do tempo”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). *“Teve um período em que focamos na parte comercial, depois retomamos para essa transformação de humanização e pessoas, de buscar oferecer o que é melhor para o associado, para a comunidade. De passar do perfil mais agressivo para um perfil mais coletivo. O social está vindo com força”* (Gerente da Agência 2).

“Qual é o nosso propósito? Agregar renda e contribuir para melhoraria da qualidade de vida das pessoas e da comunidade. Estamos sendo provocados a fazer uma reflexão e olhar isso no dia a dia. Por trás de um crédito que entregamos, tem a realização de sonhos, a melhoria da propriedade do nosso associado, das atividades da empresa dele, conseguimos talvez contribuir para a geração de empregos, para solucionar alguma dificuldade. Procuramos olhar para isso e por trás das soluções financeiras que entregamos, tem algo muito maior. Temos um propósito maior, voltado para o bem das pessoas, das comunidades onde a gente atua” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

A comunicação da essência cooperativista (FRANTZ, 2012) humaniza o conteúdo e os métodos da educação cooperativa (SAFANELLI *et al.*, 2011). *“Aprendemos muito a diferença de ter o cooperativismo em uma sociedade. Onde atuamos, levamos o cooperativismo e falamos da diferença, levando propósito, um capitalismo até mais justo, desde a formação do colaborador, de olhar para o associado, para o bem comum. Tem fins lucrativos, mas tem que beneficiar todos”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

“Vemos isso desde a formação dos nossos colaboradores, mudando a mentalidade do foco no produto para o foco no associado, o que vai fazer ele feliz, quais as necessidades dele, desde o atendimento personalizado até explicar para o associado o que é uma cooperativa de crédito, qual o nosso valor, eu percebo claramente que fazemos a diferença na vida do associado, que ter um propósito faz muita diferença, porque eu passo a entender que eu não tenho uma meta, mas sim um propósito” (Gerente da Agência 1).

Constata-se, ainda, nas agências, a educação cooperativa como processo coletivo de aprendizagem (BÜTTENBENDER, 2017; SAFANELLI *et al.*, 2011). *“Instigamos muito o trabalho em equipe, olhar para o todo. O trabalho em conjunto é a força do cooperativismo,*



fazendo juntos, fazemos mais e melhor". (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). *"Tanto interna quanto externamente, nos preocupamos em trabalhar embasados na nossa missão e isso impacta em todas as atividades. Tentamos trabalhar e envolver cada vez mais, até os parceiros, mas internamente também o público. É uma engrenagem, tem que girar de forma harmônica para atingirmos os objetivos de gestão"* (Gerente da Agência 3).

Os gestores também percebem a educação cooperativa como um processo contínuo e permanente de aprendizagem (FERREIRA; SOUSA, 2019) e estratégia de sustentabilidade (SAFANELLI *et al.*, 2011). São *"vários impactos positivos que geramos na sociedade local de forma social, de olhar a transparência, a confiança, a sustentabilidade no longo prazo"* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). *"Ter um resultado que você consiga comemorar com as pessoas, todo mundo junto, é gratificante, mas o tempo e dedicação são bem maiores"* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

A autonomia e autogestão em prol do grupo (FRANTZ, 2012; SAFANELLI *et al.*, 2011) também são evidenciadas nas estratégias de educação cooperativa, direcionadas aos segmentos envolvidos com as agências. *"É bem forte a questão da autonomia. O Sicredi fornece as ferramentas para que o indivíduo se desenvolva, mas acaba partindo muito do próprio indivíduo"* (Gerente da Agência 2). O Gerente da Agência 3 pontua: *"estou fazendo um curso sobre equipes autogerenciáveis, relacionado a instigar as pessoas a se autogerenciarem, produzirem, conversarem mais e terem ideias inovadoras"*. Este mesmo gerente destaca também o envolvimento do associado nas decisões das assembleias.

Pela busca da autonomia, vem a participação consciente e responsável dos cooperados (FRANTZ, 2012), outra importante característica da educação cooperativa. *"Temos gestores desenvolvendo relacionamento com os colaboradores, a sociedade. Cada vez mais temos um elo de participação dos associados que começa nas assembleias, com coordenadores de núcleo, e internamente faz com que as pessoas participem, tragam mais ideias. Fazendo parte da construção, irão trabalhar mais empenhados, motivados, gerando resultados até imensuráveis"* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).

O relacionamento é a principal marca das agências. *"Devemos ter visão do negócio, mas, sobretudo, habilidade de construir relacionamentos, eu devo ter objetivos de produtos, serviços, resultado, mas número é consequência, construímos números na relação com o associado e na relação interna, atendendo o associado de forma a identificar oportunidades de melhoria para a vida dele"* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). Também, *"os gestores têm habilidade de se relacionar muito bem com a equipe, colegas, associados, eles*



têm que ter a capacidade de ouvir, porque numa conversa com o associado, irão perceber o perfil dele, terão que se adequar a esse perfil, adequar a comunicação, atendimento conforme o perfil” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

A proximidade é base destes relacionamentos. *“Realizamos trocas de experiências, reuniões internas, reuniões de negócios com os associados. O relacionamento, estar próximo dos associados, isso é um diferencial da instituição” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). “A assembleia, as reuniões com os coordenadores, é onde temos esse contato realmente próximo com todos” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). “Estar dentro dos valores da instituição, dentro do que buscamos, que é o entender, estar próximo, ativo, lado a lado” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).*

Neste cenário, a cordialidade é fundamental. *“Tratar bem, atender sempre com um sorriso, cumprimentar, estar disponível para a sociedade, tanto dentro da agência quanto fora” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). A transparência também. “Tem uma inter-relação muito grande com o que a gente fala, faz e exercita no dia a dia” (Gerente da Agência 3). “Fazemos questão de chamar o sócio e mostrar essa transparência, destacando a missão do cooperativismo, apresentando o resultado e destinando recursos para a sociedade, falando de valor, estando próximo, junto com a missão de levar o cooperativismo para o maior número de pessoas” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).*

Como consequência da transparência e da humanização da educação cooperativa, tem-se a confiança. *“Temos essa relação bem próxima, com bastante confiança. As pessoas preferem dar resultado quando estão lado a lado do que quando alguém está frente a frente, cobrando e mandando (Gerente da Agência 1). “A missão está lincada com tudo que fazemos no dia a dia, tem correlação direta devido a essa transparência e confiança que construímos com os associados” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). “Confiança é super importante, gestores com colaboradores, colaboradores com associados. Questão de integridade” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).*

Em conformidade com os valores humanos de solidariedade, equidade e liberdade da educação cooperativa como estratégia transformadora e humanizadora (SILVA; SILVA, 2021), o Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2 destaca *“a questão do reconhecimento, valorizar as pessoas, as boas práticas, o desempenho de todos”,* enquanto o Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3 evidencia o fato de que *“a cooperativa tem se preocupado cada vez mais em olhar o colaborador como um todo, não invadindo o pessoal dele, mas realmente se importando, ajudando ele a ter melhor qualidade no trabalho e isso*



passa também pelas relações que construímos no dia a dia, se falamos de forma humanizada, carinhosa, sincera, sempre tendo um canal aberto de comunicação, de liberdade, aí conseguimos ajudar o colaborador a ter um melhor desempenho, entendendo que ele não é só o trabalho, mas que ele tem a questão pessoal que é muito importante”.

A educação cooperativa passa, portanto, pelo bem-estar, impactando na saúde física – *“temos atividades da laboral”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2), *“para gerentes e colaboradores é disponibilizado todos os anos um checkup da saúde”* (Gerente da Agência 1) – emocional – *“o programa Bem-Estar é um número que se o colaborar pode ligar para conversar, tem pessoas prontas para atender, é anônimo”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1) – e espiritual – *“começamos a semana com uma mensagem mais positiva, cada semana uma pessoa fala, melhorando o clima, e essa parte mais humana, próxima, é fundamental”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Conteúdos e Métodos Educativos e Humanizadores nas Agências Analisadas

Quanto aos recursos para a educação cooperativa (SAFANELLI *et al.*, 2011), *“temos o Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social, em que parte dos nossos recursos, destinamos para esse fundo, para capacitações”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). A educação cooperativa é, portanto, incentivada nas dinâmicas das agências. *“A cooperativa nos ajuda bastante, incentivando nosso desenvolvimento e habilidades, formações, palestras, tudo vem a somar de forma intelectual, nos fornecendo empoderamento para fazermos o que temos que fazer no dia a dia”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). *“A cooperativa investe nisso para nós, gestores, e para as equipes. Nossos coordenadores de núcleo, que nos representam nas comunidades, também recebem capacitações”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

A educação cooperativa ocorre desde o ingresso do colaborador. *“Quando o colaborador entra na empresa, já recebe um treinamento, um programa de integração, em que é abordada a instituição, missão, valores, princípios. Quando recebemos na agência um novo colaborador, apresentamos o que é o Sicredi, os números, nossa abrangência, valores, missão, reforçamos isso”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

Referente à apropriação da educação cooperativa (SAFANELLI *et al.*, 2011), *“todo mundo está lendo, estudando, fazendo muita coisa para conseguir fazer essa adaptação a nesse novo modelo, um modelo mais forte de propósito”* (Gerente da Agência 3). *“Todos vêm*



nessa busca constante de melhorar seu posicionamento e argumentação” (Gerente da Agência 1). “Sobre aprendizado e capacitações, a cooperativa investe nisso tanto para nós, gestores, como para as equipes” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

A comunicação da educação cooperativa é fundamental nos locais de investigação do estudo. Referente às oportunidades de desenvolvimento voltadas aos colaboradores, “temos adotado o *Evolução*, que é um sistema interno relacionado à nossa participação nos resultados, onde cada um propõe desafios junto com o seu gestor” (Gerente da Agência 1). “Quem nos avalia é o nosso gestor imediato e também nossos colaboradores, então traz essa interação com todos os envolvidos na gestão” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). Quanto às ferramentas de interação direcionadas para os associados, “o *Conecta* é uma forma de venda entre os associados, os associados vendem e compram no site do Sicredi, interagindo entre si” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Nesta interação, o *feedback* contribui para diagnóstico de melhorias e de oportunidades a serem implementadas nos processos de educação cooperativa. Para os colaboradores, “tem uma pesquisa a cada dois anos sobre o clima organizacional e, com base nos resultados, construímos em conjunto ações para melhorar” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). Quanto aos associados, é utilizado a pesquisa NPS – *Net Promoter Score*, que “vai te dar o índice de contentamento e satisfação dos associados” (Gerente da Agência 3) em relação às estratégias das agências.

Programas de educação cooperativa são possibilidades de estimular a participação dos indivíduos na gestão da sociedade de pessoas. Desta forma, em conformidade com informações do Relatório da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG (2020), tem-se programas de educação financeira e cooperativa para gestores, colaboradores, associados e parceiros, com a intenção de deixá-los conscientes do seu papel e de seus direitos na sociedade, colaborando também para difundir a cultura de cooperação.

A educação financeira é pauta nos treinamentos, transparecendo a preocupação com a qualidade de vida dos públicos atuantes nas agências. “A cooperativa entende que temos que começar a educação financeira dentro da empresa” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). Quanto ao público interno, “o programa *Cooperar na Ponta do Lápis* busca ensinar a importância do controle financeiro, de fazer o dinheiro trabalhar para nós e não nós pelo dinheiro” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Quanto aos associados “procuramos falar sobre educação financeira” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). Também, “na *Semana da Educação Financeira* tem



eventos nas escolas, com palestras do quanto é importante esse acompanhamento financeiro destinado às famílias” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Portanto, as estratégias de educação cooperativa evidenciadas, contemplam diferentes espaços da vida humana partindo de contextos específicos para cenários mais amplos de atuação cooperativista (FRANTZ, 2012). *“Sempre procuramos priorizar e valorizar os associados, pois eles possuem relacionamento conosco, e valorizar a economia da região, porque o retorno também vem para nossas comunidades” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). “Os recursos investidos e gerados aqui, ficam na comunidade, na região” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).*

Entre os eventos comunitários, cabe destacar o Programa Empreender para Transformar (PET). *“É um programa de sustentabilidade econômica, social, ambiental” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). “São projetos das comunidades avaliados por comissões de coordenadores. Esse ano a equipe foi mais questionadora, apoiando projetos com mais possibilidades de contribuir para a transformação da comunidade” (Gerente da Agência 3). “Só aqui na agência, tivemos 54 projetos inscritos. No último projeto, foram disponibilizados para o município 150 mil reais” (Gerente da Agência 1).*

O Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3 menciona, ainda, o programa *“A União Faz A Vida, que a cooperativa faz nas escolas e que, em alguns municípios, consiste em levar o conhecimento sobre a importância do cooperativismo para as crianças”*. Este programa tem como objetivo construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, mediante práticas de educação cooperativa, a partir de atividades realizadas em salas de aulas e na comunidade, conduzidas por professores treinados e capacitados.

O Dia C, data dedicada ao cooperativismo, também é um evento de destaque do qual as agências participam, sempre marcado por ações socioambientais. *“Ano passado foi realizado plantio de árvores numa encosta de rio, a gente fez a reforma de algumas salas da APECAN, organização do câncer” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). “Destinamos em torno de oito cestas básicas para três entidades, para cada uma, beneficiando pessoas que precisavam” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).*

A finalidade social e econômica da educação cooperativa (MILAGRES; LACERDA, 2017), se manifesta nas práticas cotidianas das agências. *“Na medida em que olhamos para as pessoas, valorizamos elas, estamos próximo delas e buscamos o desenvolvimento e aprendizado delas, acredito que elas se sentem melhores, mais motivadas e, conseqüentemente, a produtividade e qualidade das entregas serão maiores. A pessoa, a*



empresa e o associado ganham” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

Para além da preocupação social, as estratégias da educação cooperativa permeiam práticas voltadas aos espaços naturais da existência humana (FRANTZ, 2012), passando por questões de conscientização ambiental. *“Aplicamos um questionário para os associados sobre risco socioambiental, tem o nosso próprio financiamento de energia solar, com taxas atrativas que os incentivam a usar esse recurso”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). *“A sustentabilidade das agências se dá com energia fotovoltaica, reciclagem de papel, imprimir o necessário”* (Gerente da Agência 3). *“Temos créditos de carbono, não costumamos aprovar créditos com empresas que não são éticas ambientalmente”* (Gerente da Agência 2). *“Cuidados com luz, água”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). *“Nossas torneiras nos banheiros são com válvula”* (Gerente da Agência 1).

Tais debates e preocupações de cunho ambiental perpassam, ainda, o contexto interno das agências, buscando contemplar o ecossistema de atuação cooperativista como um todo. Neste sentido são destacadas ações como *“plantio de árvores para quantas folhas a gente usar”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1), sendo que *“todo esse cuidado está ligado com o pensamento no ser humano, o pensamento no futuro, no sentido de nos tornarmos sustentáveis, se não cuidamos dessa parte, acabamos não vendo muita perspectiva de futuro para a humanidade”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).

Contudo, apesar da participação de muitos agentes nas dinâmicas cooperativistas, conforme Sousa *et al.* (2018), existem alguns progressos a serem realizados, principalmente quanto aos associados acerca dos processos de educação cooperativa. *“Uma das dificuldades é conscientizar os associados das vantagens que eles têm ao trabalhar com a cooperativa”* (Gerente da Agência 3). *“Ainda tem muitos associados que percebem o Sicredi como banco, também precisamos ter rentabilidade. Então, é importante envolver mais os associados nesse entendimento do que é o cooperativismo, como viver o cooperativismo, no que isso pode melhorar como pessoa, família, questão financeira, o quanto essa forma de ser cooperativista pode agregar na sociedade”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). Segundo o Gerente da Agência 3: *“Não é cobrar, é conscientizar, fazer com que as pessoas comprem a ideia, trabalhem mais e atinjam melhores resultados”*.

Entretanto, estratégias futuras continuam contemplando a educação cooperativa nas agências. *“Temos um programa a ser implementado, de liderança por sucessão, que vem nessa pegada de transformação do Sicredi. Fica o desafio para os gestores darem continuidade à visão, missão e valores do Sicredi, aos princípios, para que as novas gerações*



possam dar continuidade à filosofia do Sicredi” (Gerente da Agência 2).

As perspectivas são positivas. *“Estamos no caminho, as coisas estão acontecendo em uma velocidade bem legal. A ideia é que a gente vá fazendo as pessoas a assumirem as agências com visão para este novo modelo, mais humanizado. Observando nossa missão, iremos aumentar o relacionamento, ter o associado satisfeito, conseguimos atender ele de forma mais integral, vamos ganhando mais associados e dando resultados cada vez maiores, tornando a empresa cada vez mais sustentável”* (Gerente da Agência 3).

Buscando sintetizar os resultados da pesquisa, com base nas percepções dos gestores das agências, o Quadro 1 apresenta os valores humanos, bem como os conteúdos e os métodos educativos cooperativos e humanizadores, evidenciados nestes locais.

Quadro 1 – Valores humanos, conteúdos e métodos da educação cooperativa nas agências analisadas

Valores Humanos	Conteúdos e Métodos
<ul style="list-style-type: none"> • Equilíbrio entre dimensões econômica e social. • Modelo consciente de gestão. • Humanização do conteúdo e dos métodos. • Processo coletivo, permanente e contínuo de aprendizagem. • Autonomia e autogestão em prol do grupo. • Participação consciente e responsável. • Relacionamento como principal marca. • Relações de proximidade, cordialidade, transparência e confiança. • Valores de solidariedade, equidade, liberdade e integralidade. • Bem-estar físico, emocional e espiritual do ser humano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo da educação cooperativa. • Educação cooperativa desde o ingresso dos cooperados. • Cooperados engajados. • Comunicação, <i>feedback</i> e participação dos cooperados. • Atuação sistêmica. • Capacitações e programas assistenciais internos, comunitários e regionais. • Educação financeira e socioambiental. • Investimentos de maior conscientização dos associados na educação cooperativa. • Programa de sucessão de liderança. • Perspectivas positivas para a educação cooperativa, com foco na humanização.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Portanto, com base na percepção dos gestores, o Quadro 1 demonstra a evidência e relevância da humanização nos valores e, conseqüentemente, nos conteúdos e métodos da educação cooperativa, permeando as estratégias e práticas implementadas pelos diversos atores nos locais de investigação do estudo, contribuindo para a otimização e sustentabilidade destes locais e de suas dinâmicas internas e externas de atuação.



Considerações Finais

Levando em consideração a relevância do cooperativismo e do cooperativismo de crédito para o desenvolvimento territorial e as transformações positivas da educação cooperativa e da humanização para a gestão e as práticas cooperativistas, este estudo cumpriu o objetivo de investigar as aplicações e contribuições da educação cooperativa e da humanização no cooperativismo de crédito, a partir da análise de três agências da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG, localizadas no noroeste do Rio Grande do Sul.

O estudo permitiu concluir as estratégias e práticas cooperativistas implementadas nas agências analisadas, buscam cada vez mais contemplar os valores, assim como as técnicas e os métodos característicos da educação cooperativa. Educação esta que, vinculada diretamente ao princípio cooperativista da educação, formação e informação, vem a contribuir para a otimização das dinâmicas internas e externas de atuação cooperativista.

O estudo possibilitou, ainda, identificar proximidades das práticas de educação cooperativa implementadas com os princípios cooperativistas, reafirmando a coerência entre discurso e prática na gestão das agências. Significa que a educação cooperativa é uma importante estratégia, que permeia e contribui para reafirmar os princípios cooperativistas.

A pesquisa também identificou a humanização como estratégia agregadora e indispensável no que condiz aos pressupostos e aplicações da educação cooperativa nas agências analisadas e em seus contextos de atuação, reafirmando os valores essenciais do cooperativismo enquanto espaço político e democrático, que incide nos aspectos empresariais e, ao mesmo tempo, nos aspectos associativos da vida cooperativa e humana.

Evidencia-se, também, que a humanização na educação cooperativa contribui positivamente para a inovação, transformação e evolução dos processos e dinâmicas de gestão e das práticas dos locais analisados no estudo, ensejando sua capacidade de contribuição econômica, social e ambiental também em contextos mais amplos, incluindo os cenários do cooperativismo de crédito, do cooperativismo como um todo e a sociedade.

São destacadas as contribuições teóricas e práticas do estudo sobre educação cooperativa, humanização nos processos de gestão e cooperativismo de crédito. Por conseguinte, a pesquisa apresenta sua relevância para acadêmicos, docentes e teóricos das áreas da gestão, educação e desenvolvimento, para gestores, colaboradores, associados e demais segmentos e agentes envolvidos nas dinâmicas internas e externas das agências analisadas e para o cooperativismo, cooperativismo de crédito e a sociedade.



E para fins de agregar conhecimentos e práticas ao estudo, sugere-se estudos de caso ou multicaso sobre a educação cooperativa com foco na humanização, em outras cooperativas de crédito, outros ramos do cooperativismo e, para além da região analisada, podendo realizar pesquisas de cunho acadêmico-científico em diversas escalas territoriais.

Referências Bibliográficas

ANUÁRIO BRASILEIRO DO COOPERATIVISMO. **Sustentabilidade**. Revista MundoCoop. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2018.

BIALOSKORKI NETO, S. **Economia e gestão de organizações cooperativas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5764.htm. Acesso em: 27 abr. 2021.

BÜTTENBENDER, P. L. Desenvolvimento cooperativo. In: GRIEBELER, M. P. D.; RIEDI, M. (org.). **Dicionário de Desenvolvimento Regional e temas correlatos**. Uruguaiana: Conceito, p. 99-102, 2017

FERREIRA, P. R.; SOUSA, D. N. Educação cooperativista: aprofundando o conceito. **Cooperativismo & Desarrollo**, Bogotá, v. 27, n. 2, p. 1-32, nov. 2019.

FONSECA, R. A. *et al.* A importância das cooperativas de crédito como agentes de desenvolvimento regional: um estudo na SICOOB Credicampo. In: CONGRESSO VIRTUAL DE ADMINISTRAÇÃO, 6, 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Convibra, 2009. p. 1-14.

FRANTZ, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí: Unijuí, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MILAGRES, C. S.; LACERDA, R. P. Apontamentos sobre a educação cooperativista nas cooperativas do município de Araguaína – TO. **Revista Integralização Universitária**, Palmas, v. 11, n. 17, p. 46 -59, dez. 2017.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.



OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras. **Cooperativismo**: gerando trabalho e emprego. 2018. Disponível em:

<https://somoscooperativismo.coop.br/noticia/21082/cooperativismo-gerando-trabalho-e-emprego>. Acesso em: 27 abr. 2021.

OCERGS-SESCOOP/RS. **Expressão do cooperativismo gaúcho**: ano-base 2019. 2020.

OURO-SALIM, O.; BA, S. A. C.; ROSALEM, V. Impacto socioeconômico das cooperativas: contribuição para um mundo melhor. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas – RGC**, Santa Maria, v. 5, n. 10, p. 189-202, jul./dez. 2018.

PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. **Os 7 princípios do cooperativismo**.

Disponível em: <http://cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo/historia-do-cooperativismo/os-7-principios-do-cooperativismo/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SAFANELLI, A. S. *et al.* A educação cooperativa: valorização do ser humano. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LIDERANÇA E GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 2, dez. 2011, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 1-14.

SARTOR, C. R.; KNUPPEL, M. A. C. As relações entre o econômico e o social no cooperativismo: algumas reflexões. **Publica Cresol**, Francisco Beltrão, p. 1-11. 2016.

SICREDI DAS CULTURAS RS/MG. **Relatório**. 2021.

SILVA, A. J. H.; SILVA, A. H. Protagonismo das cooperativas na promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: reflexões teóricas e agenda de pesquisa. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 19, n. 54, p. 83-103, jan./mar. 2021.

SOUSA, D. N. *et al.* Temos que saber que a cooperativa é uma empresa diferente: percepções sobre a educação cooperativista. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 5, n. 2, p. 35-43, 2018.